

História da Ribeira de Itapagipe

Fernanda Maria Baraúna de Freitas ARAGÃO¹

Simone Terezinha BORTOLIERO²

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

História da Ribeira de Itapagipe é a primeira reportagem da série “Ribeira de Itapagipe: história e cotidiano de um bairro de Salvador” desenvolvida como Trabalho de Conclusão do curso de Comunicação/Jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A reportagem apresenta fatos históricos do bairro da Ribeira, localizado na Península de Itapagipe, uma das mais belas regiões da capital baiana. Fotografias e lembranças de moradores antigos contribuem para apresentar fatos marcantes, como a criação do primeiro hidropuerto de Salvador no bairro. Conteúdos da historiografia oficial também compõem a reportagem introdutória da série, que ainda é composta por outras três partes. Este artigo apresenta as etapas de elaboração da primeira reportagem dentro do processo de desenvolvimento série.

PALAVRAS-CHAVE: Península de Itapagipe; Ribeira; Bairro; Telejornalismo; Reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Salvador, capital do estado da Bahia, é formada por 160³ bairros, cada um com história e condições diferenciadas no que diz respeito à oferta de infraestrutura, transporte, educação e saúde. Quatorze⁴ deles formam a Península de Itapagipe, região da cidade conhecida por belos pontos turísticos e por ser o lugar onde são realizadas importantes festas populares, como a Lavagem do Senhor do Bonfim e a Procissão de Bom Jesus dos Navegantes. A primeira reportagem da série Ribeira de Itapagipe mostra a história de uma parte desta região: o bairro da Ribeira.

A palavra “Ribeira” tem origem portuguesa e significa “ancoradouro para reparação de naus” (DÓREA,1999). O nome vem do fato de a atividade naval ter sido a que impulsionou a formação do bairro, o qual teve pescadores como primeiros moradores. A

¹ Aluno líder estudante concluinte do Curso de Comunicação/Jornalismo, email: fernandamaria.aragao@gmail.com.

² Simone Terezinha Bortoliero. Professora do Curso de Comunicação/Jornalismo, email: bortolie@gmail.com.

³ Este número tem como base o estudo desenvolvido por órgãos da prefeitura de Salvador e do governo da Bahia, além do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) em parceria com a Universidade Federal da Bahia que culminou no livro “Caminho das Águas”.

⁴ Os bairros são: Boa Viagem, Bonfim, Calçada, Caminho de Areia, Jardim Cruzeiro/ Vila Ruy Barbosa, Lobato, Mangueira, Mares, Massaranduba, Monte Serrat, Ribeira, Roma, Santa Luzia e Uruguai.

área também atraiu pessoas de alto poder aquisitivo da sociedade soteropolitana do final do século XIX e início do século XX, as quais faziam da região um local de veraneio. Os casarões de arquitetura rebuscada são marcas desta presença. O solar Amado Bahia, por exemplo, construído no início do século XX, pertencia ao comerciante de mesmo nome que controlava o comércio de carne verde da cidade. Na Ribeira, também estão localizadas duas igrejas seculares: a de Nossa Senhora da Penha, erguida em 1742 e a Igreja do Rosário, construída por volta de 1808. Foi neste bairro, ainda, que o primeiro hidropuerto de Salvador foi construído, entre 1937 e 1939.

Por ajudar a contar a história de Salvador e ainda manter um clima bucólico, parecido com o de cidades do interior – pelo menos em algumas áreas – o bairro tornou-se atração turística da capital baiana. Mas além de apreciar os imponentes casarões, os visitantes procuram pelos exóticos sabores da “Sorveteria da Ribeira” – jaboticaba, jaca, jamelão, sapoti, cupuaçu e biri-biri são alguns exemplos.

Contudo, assim como outros bairros da cidade, atualmente, a Ribeira com seus 19.578 habitantes, de acordo com o Censo do IGBE 2010, possui problemas de infraestrutura urbana. Drenagem pluvial inadequada – situação que provoca alagamentos – acúmulo de lixo nas ruas e atraso em obras de revitalização são alguns deles. Em 2012, o Governo do Estado, por meio da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder), retomou a execução de obras que haviam sido iniciadas em 2010 e interrompidas de forma que provocou revolta na população. Por outro lado, no mesmo ano, foi concluída a construção do primeiro Terminal Pesqueiro Público de Salvador próximo ao final de linha do bairro, fato que promete impulsionar o comércio local.

Estes aspectos turísticos e infraestruturais compõem as outras três reportagens da série. Nesta primeira, privilegiou-se a apresentação da história da formação do bairro mesclada à vida de moradores antigos, destacando suas memórias, seu cotidiano e, principalmente, o amor que sentem pelo lugar onde vivem.

2 OBJETIVO

Apresentar a história da formação do bairro da Ribeira por meio de fotografias e das lembranças dos moradores antigos, a fim de dar visibilidade à região onde ele está localizado.

3 JUSTIFICATIVA

A formação da cidade de Salvador está presente em diversos livros que retratam a história da Bahia como um todo. Com menos frequência, produções locais também trazem a história dos seus bairros. Porém, são raros os trabalhos que retratam esta história em formato audiovisual. No caso do bairro da Ribeira, não foi encontrado, em dois dos principais acervos da cidade – a Biblioteca Pública do Estado da Bahia e a Fundação Gregório de Mattos – qualquer material audiovisual com este tipo de conteúdo sobre o bairro. Assim, a falta de trabalho semelhante neste formato apresentou-se como o primeiro motivo para a elaboração desta reportagem.

Outra justificativa diz respeito ao fato de o bairro da Ribeira ter sido um dos primeiros a se formar na capital baiana e possuir belezas naturais que a identificam. A possibilidade de praticar diferentes formas de aprendizado também foi observada na escolha.

Quando se pretende fazer uma reportagem sobre a história de um ambiente físico e social têm-se várias oportunidades de aprendizado. No processo de elaboração desta primeira reportagem da série, algumas expectativas de aprendizado foram supridas. O contato com diferentes tipos fontes, o exercício de ilustrar diferentes épocas e a hierarquização das informações são alguns exemplos.

Durante a produção, foi preciso ler livros e revistas presentes nos acervos da cidade; sentar na calçada para escutar as lembranças de quem vive no local e identificar aspectos importantes da versão da historiografia oficial para compor a reportagem.

Foi, ainda, indispensável usar a criatividade diante da escassez de material de arquivo para compor um produto audiovisual. Sem vídeos que pudessem mostrar como o bairro era antigamente, foi preciso utilizar fotografias, com alguns efeitos de movimento, para fazer o telespectador ter noção de como era o lugar na época narrada em *off*.

Escolher o conteúdo das sonoras dos moradores também foi uma atividade importante, já que algumas de suas lembranças – compartilhadas ao longo das entrevistas – diziam respeito a assuntos pessoais e não à vivência no bairro.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O desenvolvimento desta reportagem teve como base as técnicas utilizadas na realização das grandes reportagens ou reportagens especiais. Para De la Rue (2016), este tipo de reportagem se define pela oposição ao jornalismo diário. Carvalho (2010), entre

outros, concordam com o autor ao afirmarem que estas reportagens ganham segundos ou até minutos a mais que as notícias do dia a dia e são elaboradas como alternativa à forma superficial com que alguns assuntos são tratados em telejornais diários. Sobre este formato de telejornalismo diário, Coutinho (2008) reflete a partir de Calabrese e Voli.

Fruto de uma forte seleção, a dimensão da notícia televisiva é limitada por exigência de tempo, espaço a ser ocupado no fluxo audiovisual. Assim, cada notícia em TV deveria ser oferecida em pacotes informativos com cerca de 90 segundos (um minuto e meio), sendo possível a ampliação desses limites em casos excepcionais, ou de excepcional interesse e atração da audiência. (COUTINHO, 2008, p.3)

Além do tempo diferenciado – ainda que indefinido – as grandes reportagens também apresentam características dos documentários. Um exemplo, de acordo com Lage (2006), é o uso de personagens. O autor considera que a própria televisão, a partir do momento que começou a editar imagens – uma evolução com relação ao rádio – foi inserida na “história do documentarismo, gênero de produção audiovisual que passou a ter nome em 1920” (LAGE, 2006, p.33). Outra característica do documentário utilizada em grandes reportagens ou reportagens especiais diz respeito à liberdade de enquadramentos e à utilização de material de arquivo (esta última pode ser observada na reportagem discutida neste artigo). Por estas e outras características, a grande reportagem é considerada um “híbrido, jornalismo com roteiro” (DE LA RUE 2006, p. 184).

É importante ressaltar que *História da Ribeira de Itapagipe* é a reportagem que introduz uma série de reportagens e, por isso, foi preciso buscar uma definição para este formato. Trabalhou-se com a ideia, apresentada por Coutinho (2008), de que série é a denominação que apresentadores de telejornais de diversas emissoras anunciam um material jornalístico que se aproxima de uma espécie de novela informativa capaz de oferecer informação sobre um tema ou aspecto da realidade de forma mais aprofundada na televisão.

Como parte de uma série, a reportagem apresentada neste trabalho foi produzida de forma que pudesse ocupar o bloco ou parte de um bloco de um programa ou de uma edição de telejornal. Como reportagem introdutória, ela teve como função apresentar questões importantes para orientar o telespectador no sentido de evitar frustrações, caso o mesmo esperasse encontrar na reportagem aspectos históricos de outros bairros que não o da Ribeira. Por isso, mostra, inicialmente, imagens da região onde o bairro está inserido e

deixa claro, por meio do texto da primeira passagem, que a Ribeira é apenas um dos bairros que compõem a Península de Itapagipe.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“Reportagem é difícil. Em telejornalismo, muito difícil” (CARVALHO, et al, p.16). Nesta afirmação, os autores referem-se à complexidade envolvida no processo de elaboração de uma reportagem para televisão devido ao fato de envolver diversos profissionais trabalhando em etapas distintas. Ainda que na produção da reportagem, e da série em si, a estrutura não tenha sido igual à de uma televisão, o fator “trabalho em equipe” foi fundamental durante seu desenvolvimento.

O processo mais “solitário” foi o de pesquisa, quando foi preciso conversar com os moradores, nas ruas do bairro, em busca de informações sobre a história do local e visitar alguns dos principais acervos históricos de Salvador para saber o que seria abordado na reportagem.

Ao mesmo tempo em que estas informações foram sendo organizadas, procurou-se os personagens para compor a reportagem. Com cada “selecionado” – por estar presente em alguma matéria anterior ou ter sido indicado por outros moradores – foi realizado um encontro, uma espécie de bate-papo que se aproxima de uma entrevista de compreensão: “quando o jornalista não deve se prender a roteiros, pois a riqueza informativa ocorre nas sutilezas dos gestos, no tom da voz, nas expressões, revelações que surgem conforme a ‘conversa’ vai avançando” (SANTOS, 2009, p.26).

A principal dificuldade, neste período, foi manter o contato com os entrevistados nos meses que separaram a pré-entrevista da gravação. As conversas foram realizadas entre março e abril de 2012 e a primeira gravação só aconteceu no final do mês de julho do mesmo ano.

Com os entrevistados escolhidos, a atividade seguinte foi a elaboração do roteiro⁵. Como já foi dito anteriormente, a proposta foi contar a história do bairro mesclada às experiências dos moradores antigos. Para isso, agendou-se entrevistas com cada um dos personagens.

A gravação das imagens, sonoras e passagens desta primeira reportagem foram feitas em, pelo menos, quatro dias diferentes dos oito que compuseram a elaboração da

⁵ É importante ressaltar que ele sofreu muitas alterações até chegar na reportagem final.

série inteira. Essas gravações ocorreram entre os meses de julho, agosto, setembro e dezembro de 2012 com uma equipe que incluiu, além da autora deste trabalho – como repórter e produtora – um cinegrafista e um auxiliar.

Após assistir o material, preparar o texto e gravar os *offs*, foi preciso elaborar um roteiro de edição com a indicação do tempo exato das sonoras e sugestões de clipes que devessem acompanhar os *offs*. A montagem foi realizada em seguida, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2013. Como maior parte da primeira reportagem é composta por entrevistas e materiais de arquivo, ela foi a que primeiro ficou pronta – já que todo o material havia sido recolhido – diferentemente do que aconteceu com outras duas reportagens da série, as quais abordam os problemas do bairro e, por isso, só foram concluídas quando chegaram as respostas das assessorias de comunicação dos órgãos competentes.

É importante destacar que, neste processo, a interação entre repórter e editor foi importantíssima, principalmente no momento de escolha das músicas que iriam compor a reportagem. Uma delas levou em consideração o gosto musical de dos entrevistados⁶. As outras levaram em consideração a emoção transmitida pelo entrevistado e o assunto narrado em *off*.

Neste momento, surgiu um questionamento quanto à questão dos direitos autorais na utilização das músicas, já que não foram encontrados os compositores de todas as trilhas. A dúvida foi solucionada a partir da consulta à Lei de Direitos Autorais (LDA). O capítulo IV que dispõe sobre as limitações aos Direitos Autorais traz, no artigo 46, uma determinação que parece afastar o possível problema da utilização de trechos de música no tipo de produção realizada neste trabalho.

“Não constitui ofensas aos direitos autorais: (...) VIII - a reprodução, em quaisquer obras, de pequenos trechos de obras preexistentes, de qualquer natureza, ou de obra integral, quando de artes plásticas, sempre que a reprodução em si não seja o objetivo principal da obra nova e que não prejudique a exploração normal da obra reproduzida nem cause um prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores⁷.”

⁶ No momento em que a equipe chegou para gravar a entrevista com o casal Amilton e Angélica, eles escutavam Noite Ilustrada e, por isso, a música do artista aparece quando eles são apresetados.

⁷ < <http://www.cultura.gov.br/site/2010/11/10/tira-duvidas/#pergunta-20> e http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm > acessos em 4 de mar de 2013.

6 CONSIDERAÇÕES

A reportagem *História da Ribeira de Itapagipe* cumpre um papel social ao registrar fatos históricos como forma de documentação de um bairro e, conseqüentemente, de parte de uma região de Salvador: a Península de Itapagipe. Por meio dela, os telespectadores podem ter uma noção de como a Bahia é rica em história e belezas naturais.

As emissoras da capital baiana precisam destinar mais espaço, em seus programas⁸ e telejornais, a reportagens como esta. Diversos bairros da periferia da cidade podem e devem ser contemplados a partir desta perspectiva, assim como foi feito com o bairro da Ribeira. Muitos deles escondem importantes histórias, tradições e problemas que vão além da violência mostrada e explorada por programas sensacionalistas. E o mesmo público que se identifica com estas produções pelo reconhecimento, pela familiaridade e proximidade com os acontecimentos ruins, tem o direito de ser representado a partir daquilo que existe de positivo em seus bairros.

Por fim, a primeira reportagem da série “Ribeira de Itapagipe: história e cotidiano de um bairro de Salvador”, assim com as demais, pode ser considerada um exemplo do telejornalismo que presa pela qualidade desde a produção até a finalização. Embora seja relativamente longa, a matéria não se torna enfadonha, pois mistura os fatos históricos à vida dos moradores verdadeiramente apaixonados pelo bairro. Ela também pode ser considerada um exemplo do telejornalismo que se esforça para produzir reportagens que ultrapassam a função de informar e chegam a surtir efeitos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ana Cláudia Pacheco de. **Jornalismo e História: da notícia e produção da fonte à análise da realidade**, Salvador, 2010. Anais do V Encontro Estadual de História. Associação Nacional de História – BA. Disponível em <http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2012/12/Ana_Claudia_Pacheco_de_Andrade.pdf> acesso em 26 de fev. de 2013.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

⁸ Atualmente, a afiliada da Globo, Tv Bahia, reestruturou o programa “Aprovado”, o qual se aproxima da proposta deste trabalho. A produção que apresentava dicas para vestibulandos, passou a explorar aspectos históricos e culturais da Bahia.

CARVALHO, A. et al. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar.** São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Vanda Viveiros de. Reportagem. In: Elizabeth Bastos Duarte & Maria Lília Dias de Castro (Orgs.) **Televisão: entre o Mercado e a Academia.** Porto Alegre, Ed. Sulina, 2006, p. 189-192.

CARDOSO, Ceila Rosana Carneiro. **Arquitetura e Indústria: A Península de Itapagipe como sítio industrial da Salvador Moderna 1891-1947.** Dissertação de Mestrado (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo. São Carlos, 2004.

COUTINHO, Iluska. **Séries de reportagem em televisão:** Reflexão sobre um possível Telejornalismo interpretativo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal, RN.

DEGL' IESPOSTI, Júlio César. **A grande-reportagem na televisão brasileira: Um estudo do Globo Rural.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero. Orientador: Dimas A. Künsch. São Paulo, 2009.

DE LA RUE, Saulo. A Grande Reportagem entre o Mercado e a Academia. In Elizabeth Bastos Duarte & Maria Lília Dias de Castro (Orgs.) **Televisão: Entre o Mercado e a Academia.** Porto Alegre, Ed. Sulina, 2006, p. 183-188.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA. **Salvador era assim II.** Organização de José Borges. Redação de Gláucia Lemos; orientação histórica de Cid Teixeira. Bahia, 2001

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística.** Série Princípios.37.São Paulo: Ática, 2006.

_____. _____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

PERSONAGEM. In: BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos. **DICIONÁRIO de Comunicação.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.2 ed.rev. e atualizada.

SANTOS, Elizabete, et al. **O caminho das águas em Salvador: Bacias hidrográficas, bairros e fontes.** Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010. 486p. Disponível em <http://www.meioambiente.ba.gov.br/publicacoes/livros/caminho_das_aguas.pdf>

SANTOS, Marli dos. **Histórias de vida na Grande reportagem: um encontro entre Jornalismo e História oral.** Goiânia, 2009. Comunicação e Informação. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/12266/8129>> acesso em 26 de fev. de 2013.